

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho
Rua Paraopeba, 96 CEP 05429-020 São Paulo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as idéias de Gillian Lane-Mercier expostas em seu ensaio *Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility*, no qual ela, após dar sua definição para socioletos literários, analisa o efeito causado pela sua presença no texto e as dificuldades com que o tradutor se depara ao ter de traduzir variantes dialetais para uma língua e uma cultura diferentes daquelas encontradas na obra literária. Um segundo objetivo deste trabalho é o de expor de que maneira as idéias de Lane-Mercier podem ser usadas ou refutadas na tradução do dialeto de Yorkshire encontrado na obra *Wuthering Heights*.

Palavras-chave: dialeto; tradução; cultura; língua.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyse the ideas exposed by Gillian Lane-Mercier in her essay *Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility*, in which she, after having given her definition of literary sociolects, analyses the effect caused by their presence in a text and the difficulties with which the translator has to deal when translating dialects to a language and a culture other than those found in the original text. A second aim of this paper is to expose how Lane-Mercier's ideas can be used or not when translating the Yorkshire dialect found in the novel *Wuthering Heights*.

Key words: dialect; translation; culture; language.

A tradução de variantes dialetais no Brasil: uma discussão das idéias de Gillian Lane-Mercier

O socioleto literário na visão de Lane-Mercier

O conceito de socioleto literário é construído aqui como a representação textual de formas de falar 'não-padrão' que mostram tanto as forças sócio-culturais que moldaram a competência lingüística do falante e os diversos grupos sócio-culturais aos quais o falante pertence ou pertenceu. (1997:45)

A definição acima mostra o fato de Lane-Mercier (1997:45) enfatizar muito o papel desempenhado pelos grupos sócio-culturais na formação de um indivíduo. A variedade desses grupos (por exemplo, agremiações, escolas, família, amigos, colegas de trabalho) nos leva a supor que sua influência não é uniforme, e desse modo o indivíduo estaria a todo o momento sendo moldado por forças diversas que agem com maior ou menor força dependendo da circunstância em que a pessoa se encontra. Pode-se dizer também que, de acordo com essa visão, o falante estaria de certa maneira limitado pela ação desses grupos na hora de falar, e sua produção oral não se diferenciaria muito daquela das demais pessoas que se encontrassem com ele em um determinado momento ou lugar.

Lane-Mercier também salienta que a representação dos socioletos literários é quase sempre feita de uma forma negativa, na qual a variante não-padrão é colocada lado a lado com a forma padrão, e a inevitável comparação se segue, com a constatação final de que a forma padrão é a válida, correta, “perfeita”, enquanto a forma não-padrão fica estigmatizada como incorreta, imprópria, inadequada, até mesmo tendendo para a caricatura. Apesar de essa afirmação ter um certo embasamento na realidade, devemos lembrar que, embora possa haver uma certa carga de estereótipos na representação das variantes dialetais, elas nem sempre podem ser consideradas apenas como uma caricatura de algo “errado”, ou seja, uma representação inadequada de uma forma de falar que é colocada em segundo plano em uma certa sociedade ou grupo social. Conforme disse Sumner Ives em seu artigo *A Theory of Literary Dialect*, ao usar as variantes não-padrão na caracterização de uma ou mais personagens, o autor procura dar uma certa veracidade à sua representação, e o resultado dessa tentativa pode ser bom ou não dependendo do talento e da criatividade do escritor, e cabe a leitores e críticos ter em mente que essa representação é a visão pessoal que o autor tem de uma forma de falar particular e não uma representação da verdade (cf. 1950:137-8). Mais ainda, a *verdade*, no sentido em que tal palavra é comumente entendida – algo exato, isento de preconceitos ou juízo de valores – não passa de um conceito abstrato, pois não existe no mundo uma única verdade que possa se referir a qualquer assunto definindo-o com exatidão. Nossa realidade é multifacetada, e não podemos senão compreender uma pequena parte de uma totalidade extremamente complexa na qual nos encontramos. Portanto, ao pensarmos na caracterização de personagens literárias por meio do uso de socioletos, não podemos considerá-los como a representação estereotipada de uma

forma de falar porque não representam a verdade, mas sim que estamos vendo a visão particular de uma pessoa que – supõe-se – não tem conhecimentos de lingüística e nem tem por objetivo fazer uma representação fonética acurada de uma forma de falar característica de uma região ou de pessoas de uma determinada classe social. Seu objetivo seria o de caracterizar uma determinada personagem, dar-lhe traços particulares que a tornem diferente das demais.

O dialeto de Yorkshire e suas possíveis traduções

Partindo dessa premissa, como se pode chegar a uma proposta de tradução para o dialeto de Yorkshire encontrado no romance *Wuthering Heights* que leve em conta a forma de falar da personagem Joseph e mostre ao leitor brasileiro que essa personagem não usa a chamada norma culta ao falar? Quais são as dificuldades com que o tradutor vai se deparar, e como ele poderá contorná-las? Será possível evitar uma tradução estereotipada, se muitos já constataam a presença do socioleto literário no texto original como uma representação estereotipada?

Começando pela análise do texto original, temos um dialeto que caracteriza a personagem em um espaço geográfico – Yorkshire, região norte da Inglaterra – bem como social – Joseph é um empregado na casa onde transcorre grande parte da ação do livro. Em relação à posição social, um fato interessante é observado: exceção feita a poucas falas do velho Mr. Earnshaw, não há no livro toda uma fala sequer dos pais de Edgar Linton, e com isso somos levados a pensar que tanto os Linton quanto os Earnshaw falavam o inglês padrão, principalmente devido ao fato de ambas as famílias serem as mais importantes da região, os Linton eram proprietários de terras e Edgar até mesmo ocupava a posição de magistrado local na época da morte de sua esposa Catherine, mas não há uma informação a ser encontrada diretamente no texto para confirmar tal dedução. Em relação aos demais empregados, apenas Nelly tem uma participação ativa em toda a história, e é mesmo uma de suas narradoras. Ela fala o inglês standard, e diz a Lockwood que aproveitou todas as oportunidades que teve para ler; quanto aos demais empregados e ao pequeno pastor que aparece no final da narrativa, eles têm uma participação tão pequena na ação que se torna difícil considerar o modo como eles falam ao fazermos a análise do dialeto por eles usado. Um fato interessante pode ser observado na construção da personagem Hareton Earnshaw, apesar de sua participação na história ser pequena: ele a princípio fala o dialeto de Yorkshire, mas no final da narrativa sua maneira de falar já está mudando, pois ao apaixonar-se pela jovem Catherine aceita estudar com esta e aprende a falar o inglês standard, fato que se coaduna com a posição de herdeiro da propriedade Wuthering Heights e de marido de Catherine e futuro patrão de Thrushcross Grange. Com sua ascensão social, Hareton abandona o dialeto, e não poderá mais ser identificado como um falante de uma variante não-padrão.

Em relação ao espaço geográfico, a história se passa em Yorkshire, região da Inglaterra em que até hoje o dialeto é usado com certa frequência. Com isso, supomos que na época em que transcorre a ação do romance, seu uso era muito maior e mais efetivo. A fala de Joseph estaria então limitada por esses dois fatores sócio-culturais – sua condição de empregado em uma casa e o fato de ser um habitante do norte da

Inglaterra – e teríamos aqui a confirmação da afirmativa feita por Lane-Mercier sobre as forças que moldam a competência de um falante.

No entanto, um fato muito importante deve ser levado em consideração: por mais que tais forças moldem a fala de cada pessoa, sua individualidade estará sempre presente na sua forma de falar, pois o indivíduo, mesmo pertencendo a um grupo restrito e aceitando suas regras e idéias, não pode deixar de manifestar características extremamente particulares na hora de se expressar. Partindo desse ponto de vista, é possível então pensar que a representação de um socioleto literário não está na realidade vinculada a um grupo específico, mas sim é a tentativa feita pelo autor de mostrar como uma determinada personagem se exprime, imprimindo características próprias a um falar que está até certo ponto subordinado às regras criadas por um determinado grupo ao qual ela pertença.

Analisando rapidamente a posição de Joseph na narrativa, é possível deduzir que o uso do dialeto, no final do século XVIII e começo do XIX, era restrito às pessoas das classes mais baixas, enquanto as pessoas que pertenciam às classes mais abonadas usavam o inglês standard, e neste caso o fator idade não seria uma característica que permitiria identificar os falantes do dialeto como um grupo coeso, pois tanto Joseph – um homem velho – quanto o pequeno pastor – um menino – que aparece rapidamente no final da narrativa, falam o dialeto. Outra menção digna de nota é o fato de Joseph não ser analfabeto, pois ele conhece bem a Bíblia e outros livros religiosos. Portanto, não podemos dizer que o uso do dialeto estava restrito apenas às pessoas analfabetas e da classe mais baixa pertencentes a uma determinada faixa etária.

Seria possível transpor essas características – espaço geográfico e social – em uma tradução para o português do Brasil? Em relação ao dialeto propriamente dito, a situação do Brasil difere em inúmeros aspectos significativos daquela da Inglaterra: o dialeto de Yorkshire é bastante diferente do inglês padrão, a ponto de causar dificuldades de compreensão entre os falantes locais e os habitantes de outras regiões; aqui no Brasil, as diferenças existentes entre o português padrão e as variantes não-padrão não são tão grandes, localizando-se mais em aspectos fonológicos e lexicais, e não na própria estrutura da língua. Conforme observaram Fernando Tarallo e Tânia Alckmin em seu livro *Falares Crioulos: Línguas em contato*,

...poderíamos dizer que a área geográfica brasileira é composta de uma multiplicidade de dialetos, mutuamente inteligíveis [...] No caso do Brasil há, portanto, um multidialeto ameno (as diferenças regionais localizam-se, em geral, nas áreas da fonética, da fonologia e do léxico). (1987:11)

Levando essa afirmativa em consideração, deparamo-nos com um problema: as diferenças fonéticas nem sempre são facilmente transpostas para um texto escrito, pois o tradutor teria de usar acentos, itálicos ou negritos para destacar particularidades da pronúncia de uma determinada personagem, tornando com isso o texto artificial e talvez até mesmo de leitura não agradável para o público geral. Portanto, é possível pensar que um recurso a ser utilizado pelo tradutor seria então o uso do vocabulário para estabelecer as diferenças entre a fala de Joseph e a das demais personagens. Mas, resta-nos uma questão: as diferenças de vocabulário, que em grande parte caracterizam as

variantes do português padrão, poderiam ser usadas como recurso exclusivo para compor a fala de Joseph em uma tradução?

Se o tradutor lançasse mão desse recurso, estaria incorrendo em um risco muito grande: o de tentar transformar a personagem Joseph em uma figura brasileira, e aí já entraríamos no que Lane-Mercier poderia chamar de caracterização estereotipada da personagem. Joseph *não é* um gaúcho, um nordestino ou um habitante do sertão brasileiro, então devemos ter cuidado ao traduzir suas falas para que ele não seja caracterizado como tal e transmita uma impressão errada ao leitor. Além do mais, caso o tradutor escolhesse uma forma de falar típica de uma região do território brasileiro para caracterizar Joseph, ele correria um outro risco, o de transformá-lo em uma personagem duplamente estrangeira: por ter sido concebida em uma cultura diferente e estar presente em uma obra traduzida para o português, e também por tornar-se um estrangeiro dentro do próprio Brasil, pois sua caracterização como um nordestino, por exemplo, faria com que leitores de outras regiões do país estranhassem sua forma de falar, já que ela soaria artificial e estereotipada dentro do contexto da narrativa, que não ocorre nessa região do Brasil, mas sim na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX.

Verificando que o uso do vocabulário não ajudaria em nada o leitor, será que o tradutor poderia tentar detectar no dialeto de Yorkshire características que pudessem ser encontradas nas variantes não-padrão do português brasileiro e usadas para particularizar sua fala? Emily Brontë usou vários recursos para mostrar ao leitor como Joseph falava: vocabulário da região, alterações gráficas, formas verbais pouco usuais em outras regiões da Inglaterra. Porém, dadas as diferenças entre o português e o inglês, dificilmente poderíamos transpor essas mesmas características de maneira adequada para o português de modo que o leitor tivesse uma idéia clara de como o dialeto soaria para pessoas acostumadas apenas a falar o inglês padrão.

Além do mais, devemos ter em mente também que, na época em que Emily Brontë escreveu o livro, as diferentes variantes dialetais tinham uma circulação muito mais restrita, devido à limitação dos meios de comunicação de que as pessoas dispunham na época. No Brasil do século XXI, os meios de comunicação levam algumas formas características do falar de certas regiões brasileiras para o resto do país, de modo que um gaúcho não terá tantas dificuldades para ser compreendido por um habitante da Amazônia.

Se pensarmos que as particularidades que podem caracterizar a fala de Joseph – espaço geográfico e social – não podem ser usadas para causar o mesmo efeito no Brasil, de que modo então poderia ser feito esse trabalho de tradução? Uma possível solução seria encontrar na fala dos brasileiros traços característicos da fala não-padrão que estejam presentes na maioria das regiões brasileiras, para com isso criar uma forma de falar que caracterize Joseph. Usado com critério, esse recurso pode transmitir ao leitor a idéia de que a personagem não fala a língua padrão, sem com isso reduzi-la a um habitante de uma região específica do país. Obviamente, essa fala não será a reprodução exata do modo de falar de uma pessoa nascida e criada em uma região específica do Brasil, e nem deve ser esse o objetivo do tradutor. A fala da personagem Joseph traduzida para o português não deve ser um retrato real da forma de falar de um brasileiro, mas sim uma criação que permita aos leitores de todo o país compreender

que essa personagem não fala da mesma maneira que as demais, que estamos vendo no texto literário a representação do *outro*, e não um estudo lingüístico.

Analisando os itens apontados por Lane-Mercier – perda ou criação indevida de sentido, etnocentrismo, falta de autenticidade, conservadorismo, radicalismo – como encará-los em uma tradução baseada em traços pertencentes à fala de várias regiões do Brasil? Quanto à perda ou criação de sentido, podemos considerar que o leitor da tradução não poderá entrar em contato com o dialeto de Yorkshire assim como ele foi representado no original, algo que poderíamos caracterizar como uma perda. Por outro lado, temos a criação de uma forma de falar que vai mostrar ao leitor dessa tradução que Joseph não pertence ao grupo dos falantes da língua padrão, e mesmo que sua forma de falar no texto traduzido não corresponda à sua forma de falar no texto original, a idéia da representação do *outro* foi mantida, sem que haja necessariamente a criação de um sentido novo que impeça a compreensão do texto ou seja totalmente *infidel* ao original.

A questão do etnocentrismo é um pouco mais difícil de ser examinada, porque temos sempre a noção de que vemos em textos literários, seriados de televisão, filmes, a representação do outro, ou seja, de alguém que não se encaixa em nossa forma de falar e de viver. No entanto, sempre esquecemos que, de uma maneira ou outra, todo ser humano é sempre o outro para alguém, pois cada pessoa vê a si própria como pertencente ao centro, e os demais estão na periferia – não necessariamente uma periferia marginalizada, pobre e ignorada, mas sim, fora do raio de alcance da nossa visão e da nossa compreensão. Dessa maneira, o etnocentrismo está sempre presente no texto literário, pois quando o autor escreve um determinado texto, ele não pode se ater apenas às suas experiências pessoais, à sua vivência, e o resultado de sua produção – livro, peça de teatro, crônica – vai ser sempre uma representação de outras pessoas, uma visão particular que esse autor vai ter sobre a vida e o mundo. Porém, a maioria das pessoas vê apenas essa representação do outro quando essa representação mostra algo que chame muito a atenção, seja o modo de falar que não corresponde ao da língua padrão, seja um comportamento que desvie do que é considerado normal. Portanto, a criação de uma forma de falar não pertencente à chamada norma culta vai ser uma forma de etnocentrismo, mas esse etnocentrismo estará presente no texto sob muitas outras formas que não causam nenhum tipo de comoção entre críticos e leitores.

A falta de autenticidade já foi discutida acima, e só poderíamos reiterar que o autor – ou o tradutor – não deve ter por objetivo proporcionar uma visão acurada de uma forma de falar específica de uma região do país. Uma criação literária nunca será capaz de mostrar ao leitor como fala um habitante da cidade de São Paulo, pois tantos milhões de pessoas moram na cidade que não podemos definir com precisão o que é a pronúncia paulista. Da mesma maneira, não podemos supor que Emily Brontë representou o típico habitante de Yorkshire ao escrever *Wuthering Heights*, mesmo que ela tenha tido tal idéia ao escrever sua obra. Um habitante local pode ter reconhecido determinados traços característicos da fala da região ao ler o livro, mas provavelmente ninguém reconheceu a veracidade absoluta de sua criação, e o que temos no romance é a visão de Emily a respeito dos habitantes de uma pequena localidade no Yorkshire. O falante pode pertencer a um grupo bastante restrito, mas ele nunca poderá ser tomado como um representante perfeito da forma de falar desse grupo. Reiteramos aqui a idéia exposta acima de que as forças do grupo influenciam a forma de expressão de cada pessoa, mas sua individualidade nunca será anulada quando ela for falar. Ao estudarmos

a questão dialetal em *Wuthering Heights* devemos pensar que a representação de um socioleto literário não está vinculada à representação da “verdade”, mas sim é a tentativa feita pelo autor de mostrar como uma determinada personagem se exprime, mesclando características particulares a um falar até certo ponto subordinado às “regras” criadas por um determinado grupo ao qual ela pertença.

O último aspecto a ser discutido, conservadorismo ou radicalismo, tem pontos em comum com os demais já discutidos. A padronização da forma de falar da personagem Joseph em relação à chamada norma culta do português, fato que ocorreu em todas as traduções já feitas da obra no Brasil, pode ser considerada como uma forma de conservadorismo, ou seja, a negação da diferença e a legitimação de um modo de falar ligado supostamente à elite e às classes dominantes no país. Na época em que as primeiras traduções de *Wuthering Heights* foram feitas, qualquer forma de variação da língua portuguesa seria considerada apenas como um erro a ser eliminado da vida cotidiana das pessoas, e conseqüentemente não poderíamos encontrar essas variações em um texto pertencente ao cânone literário mundial. Atualmente, tal posição torna-se difícil de sustentar, pois variantes dialetais não são encaradas como erro, e sim como formas válidas de expressão que coexistem com a norma culta da língua portuguesa. Porém, devemos sempre lembrar que o tradutor não pode ser radical ao fazer sua tradução, pois estará criando algo artificial que não será reconhecido por nenhum leitor, dessa maneira tornando a representação do *outro* uma forma de caricatura até mesmo preconceituosa.

Uma tradução da fala de Joseph e sua análise

Para ilustrar os pontos acima discutidos, podemos mostrar uma proposta de tradução para uma das falas da personagem Joseph e ver se a forma como ela foi concebida pode ou não se encaixar nas idéias de Lane-Mercier.

'Maister Hindley!' shouted our chaplain. 'Maister, coom hither! Miss Cathy's riven th' back off 'Th' Helmet uh Salvation,' un' Heathcliff's pawsed his fit intuh t' first part uh 'T' Brooad Way to Destruction!' It's fair flaysome ut yah let 'em goa on this gait. Ech! th' owd man ud uh laced 'em properly – bud he's goan!' (p. 16)

“Seo Hindley!” gritou nosso capelão. “Patrão, vem aqui! A dona Cathy rasgô a capa do *Ermo da Sarvação*, e o Heathcliff botô os pé na primera parte da *Longa Estrada da Dstruição*! É uma vergonha o sinhô deixá eles andá desse jeito. Ara! Si o véio patrão tivesse aqui, ele dava uma boa coça neles – mas ele morreu!”

Quais foram os traços usados para caracterizar a fala de Joseph? 1. a redução dos ditongos finais nos verbos: rasgou>rasgô; botou>botô. 2. a queda do r final nos verbos: deixar>deixá; andar>andá. 3. falta de concordância no plural: os pés>os pé. 4. redução do ditongo ei>e, primeira>primera. 5. transformação e>i no interior ou final das palavras: destruição>distruição; senhor>sinhô; se>si. 6. queda do r final em palavras como senhor>sinhô. 7. transformação do grupo lh>i: velho>véio. 7. queda de sílabas iniciais átonas: estivesse>tivesse. 8. troca do l por r no meio das palavras: elmo>ermo,

salvação>sarvação. Além dessas alterações, que visam representar diferenças de pronúncia entre a chamada norma culta do português e suas variantes não padrão, foram também usadas formas que indicam alterações quanto à estrutura gramatical da língua portuguesa: 1. mistura das formas verbais de segunda e terceira pessoas do singular: Patrão, venha aqui>patrão, vem aqui; deixá-los andar/deixar que eles andem>deixá eles andá. Considerando tais alterações em seu conjunto, e tendo em mente os estudos já realizados sobre a língua portuguesa e a fala das pessoas no nosso país¹, vemos que elas não se referem a uma região específica do Brasil, mas sim, podem ser encontradas de uma maneira bastante uniforme em todo o território brasileiro.

Como podemos avaliar essa tentativa de tradução de acordo com as idéias de Lane-Mercier? Os riscos existentes na tradução de socioletos literários mencionados por ela são: perda ou criação indevida de sentido; etnocentrismo; falta de autenticidade; conservadorismo ou radicalismo – de que maneira podemos verificar se eles estão ou não presentes na tradução?

Em relação à perda ou criação indevida de sentido, podemos dizer que sim, há uma perda em relação ao original, pois Joseph deixa de ser reconhecido como habitante de uma região específica da Inglaterra (marca regional), ficando apenas socialmente “marcado”, mas também há uma criação, não de todo indevida. Essa proposta de tradução não foi concebida de maneira aleatória, tem por base estudos realizados sobre a língua portuguesa (cf. nota de rodapé), e se ela não reproduz de maneira “fiel” o dialeto de Yorkshire, é preciso lembrar que não há uma correspondência perfeita entre dialetos de línguas diferentes, e toda tradução vai significar uma perda se a encararmos sob esse ponto de vista. Entretanto, ela é também um ganho, pois mostra ao leitor brasileiro uma característica do texto original até então ausente de outras traduções. Quanto à falta de autenticidade, devemos salientar que essa proposta de tradução não visa mostrar ao leitor brasileiro uma fala característica de uma região específica do nosso país, mas sim mostrar que a personagem não utiliza a norma culta para falar. Os traços usados para criar a fala de Joseph estão presentes, de uma maneira mais ou menos intensa, em todo o território brasileiro e, ao ler a tradução, o leitor vai perceber que Joseph não fala o “português padrão”, pode até reconhecer determinados traços como pertencentes à maneira de falar da região onde mora, mas não poderá dizer com segurança que Joseph foi transformado em um habitante do Mato Grosso, de Minas Gerais ou do sul do Brasil.

A própria tentativa de tradução já mostra um distanciamento em relação ao conservadorismo predominante na cultura brasileira, que simplesmente ignorava as variantes dialetais e traduzia formas dialetais para a chamada norma culta. Porém, essa proposta não é radical a ponto de tornar-se um obstáculo para a leitura, e acreditamos que os leitores não se sentiriam desencorajados a ler o livro devido à presença de variantes não-padrão na tradução. A questão do etnocentrismo é, talvez, a mais difícil de avaliar, pois ela mostra o olhar do tradutor em relação ao *outro*, mas, como já foi dito acima, esse olhar existe em todos os textos literários em prosa, pois o autor, ao escrever, está mostrando sua visão de mundo aos leitores. Da mesma maneira, o tradutor acaba colocando um pouco de sua visão de mundo em uma tradução, mas devemos considerar que a isenção absoluta é uma meta impossível de ser atingida, já que ela simplesmente não existe.

Conclusão

Tendo analisado a proposta de tradução, podemos dizer que as idéias de Lane-Mercier são válidas, pois mostram ao tradutor os desafios que a tradução de socioletos literários envolvem, mas não devem ser usadas como um argumento para impedir a tradução deles – elas podem ser consideradas como guias para evitar problemas que possam afastar demasiadamente a tradução do texto original. Essa proposta de tradução das falas de Joseph não vai evitar todos os problemas levantados por Lane-Mercier, mas se ela tiver por base os estudos já mencionados feitos sobre a língua portuguesa, ela representará muito mais um ganho que uma perda, pois não tentar mostrar para o público brasileiro que a personagem Joseph não é um falante da chamada norma culta significa ignorar uma forma de falar que não se encaixe na norma dominante de uma certa língua. O socioleto literário não tem por objetivo dar uma visão científica de uma determinada língua para os leitores da obra, mas sim, caracterizar personagens e, com isso, enriquecer o texto literário. Os estudos dialetológicos feitos no Brasil nos mostram que determinadas características da fala não-padrão estão espalhadas pelo território com uma regularidade que permite ao tradutor usá-las em seu trabalho sem incorrer no risco de apresentar ao leitor uma visão estereotipada ou caricata do *outro*. As variantes dialetais podem e devem ser traduzidas; qualquer proposta de tradução terá suas perdas e ganhos, mas um tradutor não pode alegar uma pretensa neutralidade ou a impossibilidade de tradução com o intuito de evitar fazer um trabalho que poderá engrandecer o texto traduzido.

ⁱ Entre outros, podem ser citados os trabalhos dos professores Dino Preti e Fernando Tarallo.

BIBLIOGRAFIA

- BRONTË, Emily. *Wuthering Heights*. London: Wordsworth, 1995.
- IVES, Sumner. A Theory of Literary Dialect. *Tulane studies in English*. New Orleans, v. 2, p. 137-82, 1950.
- LANE-MERCIER, Gillian. Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility. *Target*, Amsterdam, v. 9, n. 1, p. 43-68, 1997.
- TARALLO, Fernando & ALCKMIN, Tânia. *Falares crioulos: Línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.